

ÍNDICE

PREFÁCIO A vida de um escritor (por José Eduardo Agualusa)	2
APRESENTAÇÃO Escrever um conto	3
Conto inédito de José Eduardo Agualusa — «Ada e a pequena fada»	4
1. Procurar ideias e torná-las claras	8
2. Fazer o mapa do conto	10
3. As personagens do conto	12
4. O desenvolvimento do conto — a ação	14
5. A introdução do conto	16
6. A redação do conto	18
7. O rascunho do teu conto	20
8. A revisão do rascunho	22
9. O teu conto revisto	24
10. A correção de erros	26
11. A edição e a publicação	28

Oficina de escrita criativa

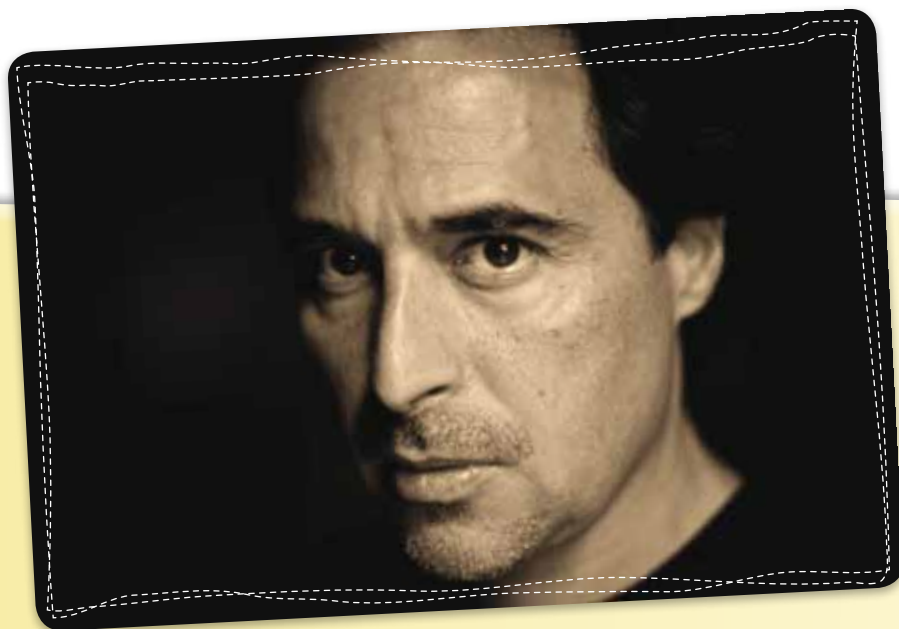
A vida de um escritor

Olá! Chamo-me José Eduardo Agualusa, e sou escritor.

Escrevo livros para crianças e para adultos. Também escrevo poesia e relatos de viagens. Um escritor trabalha quase sempre sozinho, em sua casa, o que a mim me parece excelente por vários motivos: não preciso de me deslocar para o trabalho. Também não estou preso a um horário rígido. Se não me apetecer trabalhar, vou correr junto ao rio. Vou à praia. Posso ir ao cinema, à tarde, enquanto a maioria dos restantes adultos estão a trabalhar, fechados em escritórios.

É um trabalho muito tranquilo. Em contrapartida, um escritor tem de ter muita disciplina, porque os livros não se escrevem sozinhos. Na prática, trabalhamos todos os dias, incluindo domingos e feriados, e não fazemos férias. Um escritor precisa estar muito atento ao que o rodeia. As histórias estão por toda a parte. Às vezes acordo de noite, com um sonho, e esse sonho leva-me a escrever uma história. Pode-se dizer, então, que mesmo enquanto dormimos estamos a trabalhar. Sonhar faz parte do nosso trabalho.

José Eduardo Agualusa



Escrever um conto

Escrever um conto é uma manifestação de criatividade que combina a capacidade que a imaginação tem de se libertar e fantasiar e a aplicação de um conjunto de regras e de técnicas de planificação. Estas regras e técnicas ajudam, antes da redação, a pensar nas ideias a desenvolver, a elaborar o mapa da história e a inventar e a caracterizar as personagens e as aventuras que elas vão viver, ... de forma organizada. Desta forma, um conto escrito poderá tornar-se mais interessante e capaz de prender a atenção do leitor, do princípio ao fim.

Este caderno vai ajudar-te a ser um verdadeiro escritor.

A partir de um conto inédito de José Eduardo Agualusa, «Ada e a pequena fada», ser-te-ão apresentadas, passo a passo, todas as fases de planificação, de redação, de revisão e de edição de uma história para que possas escrever e também editar e publicar o teu conto.

Aprende, diverte-te e surpreende...



Ada e a pequena fada

Tudo começou num domingo de inverno, mas cheio de sol, quando Adamantina, uma menina morena, cabelos ondulados, de oito anos, a quem toda a gente chamava Ada, ouviu pela primeira vez o cantor e compositor brasileiro Luís Melodia interpretar «Fadas», que começa assim: «Fadas: inseto voa cego, sem direção.» Correu a perguntar ao pai:

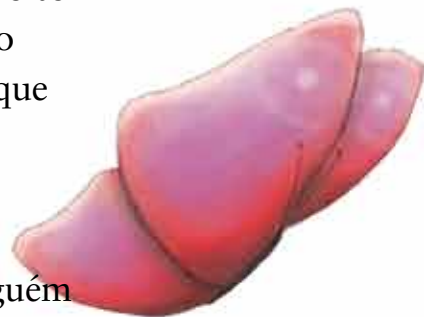
— Papá, as fadas são insetos?

O pai de Ada, Vladimiro, raramente sorria. Há anos que ninguém o via soltar uma gargalhada. Ada e o irmão, Júlio, um menino de catorze anos, alto e magro como um poste, bem se esforçavam por o fazer rir, mas sem sucesso. Vladimiro, biólogo de profissão, era o que se costuma chamar um homem sorumbático — palavra, aliás, muito curiosa, porque vem de sombra. «Sombrático» seria alguém cheio de sombras. Com o passar do tempo, «sombrático» transformou-se em sorumbático. As palavras, como as pessoas, evoluem, modificam-se.

Era, pois, um domingo tranquilo, após o almoço. Vladimiro lia o jornal, sentado num velho cadeirão de couro, enquanto cofiava o bigode grisalho. Não fosse estar quase inteiramente careca, ninguém lhe daria mais de quarenta anos. Tinha cinquenta. Ergueu os olhos e pousou-os na filha, muito sério:

— Não existem fadas.

A menina hesitou um instante:



— E então se existissem? Se existissem seriam insetos?

— Insetos? Deixa-me pensar, filha. As fadas têm asas?

— Sim, as fadas têm asas.

— Insetos costumam ter asas. E antenas, as fadas têm antenas?

— Algumas sim. Algumas têm antenas.

— Insetos têm sempre antenas. E pernas? Quantas pernas têm?

— Duas, claro!

— E braços?

— Dois!

— Portanto as fadas, se existissem fadas, não poderiam ser classificadas como insetos. Os insetos possuem seis patas. Satisfeita?

Ada acenou com a cabeça. Sentia-se mais aliviada. Desagradava-lhe que as fadas, mesmo não existindo, fossem consideradas insetos, integrando assim a vasta família das baratas e dos mosquitos. Ada não gostava nem de baratas nem de mosquitos. Odiava sobretudo os mosquitos. A mãe, Matilde, bióloga como o pai, morrera tinha ela dois anos, depois de contrair malária numa viagem a um pequeno país da costa oriental de África. A malária, doença provocada pela picada de um mosquito, mata todos os anos milhões de pessoas em países tropicais.

Nessa noite, ao deitar-se, Ada pediu ao pai para lhe contar uma história da mãe. Vladimiro suspirou. Gostava de partilhar com os filhos episódios divertidos da vida de Matilde. Era uma maneira de apaziguar as saudades. Contudo, de tanto repetir as mesmas histórias começava a sentir que as inventara. Por vezes parecia-lhe que inventara Matilde de uma ponta à outra.

Ada fechou os olhos. Vladimiro, pensando que a filha adormecera, beijou-a e saiu do quarto. Então, a menina voltou a abrir os olhos. O pai já lhe contara várias vezes aquela história. A cada repetição, porém, acrescentava alguma coisa. Terminava, ia-se embora, e Ada ficava acordada durante algum tempo, esforçando-se por recordar o rosto da mãe.

Podemos amar alguém de quem mal nos lembramos?

Às vezes sentia que estava a crescer pela metade. Uma parte dela não conseguia crescer, porque lhe faltava o abraço da mãe.

Pensava nisto quando a distraiu um leve ruído. Tão leve, tão macio que, ao princípio, Ada julgou tratar-se das árvores, lá fora, movendo-se com a brisa. Depois apurou o ouvido e pareceu-lhe um choro.

Alguém — alguma coisa — chorava debaixo da sua cama.



Levantou-se, muito assustada, ajoelhou-se no chão e espreitou. Viu, na penumbra, um luzinho brilhando. Distinguiu, a seguir, as pequenas asas, quase transparentes, o cabelo longo, verde-esmeralda, umas mãos de dedos muito finos. O brilho vinha das asas.

— És uma fada, tu? Porque é que choras?

A pequena fada enxugou os olhos. Olhou-a aborrecida:

— São duas perguntas, Ada. Tens de aprender a fazer uma pergunta de cada vez.

— És uma fada? Como te chamas? Como sabes o meu nome?

— Por favor, uma pergunta de cada vez!

— És uma fada?

— Ainda não. Pelo menos ainda não sou uma fada completa. Estou a aprender.

— Como te chamas?

— Gertrudes.

— Gertrudes?! Gertrudes não é nome de fada!

— Porque não? É apenas um nome.

Ada hesitou um instante. Depois concordou. Baba de camelo, por exemplo, não é um nome bonito para um doce, mas o doce com esse nome é muito bom. Os nomes não são importantes. Não se comem. O importante é o que está dentro dos nomes.



— Porque estavas a chorar?

— Perdi-me. Brincava na floresta e de repente achei-me aqui.

Assustei-me. Foste tu que me chamaste?

— Eu não chamei ninguém...

— Talvez me tenhas chamado, e não deste por isso. Também eu respondi ao teu apelo sem dar por isso. Vim porque tu me mereces.

Estou aqui porque precisas de mim.

— O que podes fazer por uma menina como eu?

— Não sei. Também estou a aprender. De que precisas tu?

— Eu queria a minha mãe.

— Uma mãe?! Sou apenas uma fada-aprendiza e tu pedes-me uma mãe? Uma mãe está muito para além das minhas competências.

Não consigo dar-te uma mãe. Não preferes antes um chocolate?

— Não. Quero a minha mãe!

— Um gatinho, então? Gatos são fofos.

— Quero a minha mãe!

Gertrudes sacudiu as asas, impaciente, e ao fazer isso o quarto encheu-se de uma bela luz cor de laranja:

— Há coisas que nenhuma fada te pode dar, Ada. Uma mãe é uma imensidão. Vais ter de a procurar dentro de ti. Se conseguiste chamar-me a mim, que só existo para quem sabe sonhar, vais conseguir encontrar a tua mãe. Eu posso, sim, dar-te a minha amizade. Virei todas as noites conversar contigo.

— E que mais podes fazer?

— Não sei. Posso fazer com que o teu pai volte a sorrir.

— Como podes fazer isso?

— Cócegas?...

— Cócegas?! O meu pai não tem cócegas!

— ... Ou então posso encher de luz os sonhos dele.

Fosse porque Gertrudes conseguiu realmente iluminar os sonhos de Vladimiro, fosse porque o sorriso de Ada ganhou, desde essa noite, uma outra luz, e vê-la sorrir era contagioso, o certo é que Vladimiro perdeu o ar sorumbático e passou a surpreender os filhos com as suas gargalhadas. Uma noite confessou a Ada que vinha, há alguns meses, sonhando com fadas: «São sonhos bons», disse: «Os sonhos bons melhoram muito a realidade.»



1. Procurar ideias e torná-las claras

Agora vais escrever uma história. E, na qualidade de escritor, a primeira coisa a fazer é pensar no que vais contar e a quem. Um escritor de contos parte sempre de uma **ideia**. No conto «Ada e a pequena fada», a ideia inicial é apresentada no primeiro parágrafo:

«Tudo começou quando Adamantina, uma menina morena, cabelos ondulados, de oito anos, a quem toda a gente chamava Ada, ouviu pela primeira vez o cantor e compositor brasileiro Luís Melodia interpretar "Fadas", que começa assim: "Fadas: inseto voa cego, sem direção." Correu a perguntar ao pai: — Papá, as fadas são insetos?»

Esta ideia funciona como um motor que vai dar origem ao desenrolar do conto. Além de imaginar a ideia, o autor deve pensar nos **leitores** a quem o seu conto se destina, pois é diferente escrever uma história para crianças de quatro anos ou para adolescentes de doze.



Atividades prévias

1.1 Escreve um título para a história que corresponda a cada uma das seguintes ideias.

IDEIAS

- Um menino vive numa floresta com um grupo de animais que o querem levar para uma aldeia de homens. → _____
- Um carpinteiro fabrica um boneco de madeira que ganha vida. → _____
- Uns meninos encontram uma casa de chocolate que pertence a uma bruxa, na floresta. → _____

TÍTULOS

1.2 Escreve os títulos de dois contos que conheças e escreve a ideia de cada um deles. Segue o exemplo.

TÍTULOS

- Branca de Neve → Uma princesa é mandada pela madrasta à floresta para morrer às mãos de um soldado.
- _____ → _____
- _____ → _____

1.3 Escreve o título de uma história que contarias a uma pessoa de cada uma das seguintes idades.

- Quatro anos: _____
- Dez anos: _____
- Vinte anos: _____

1.4 Escreve duas ideias que possam dar lugar a diferentes contos. Depois, escreve os títulos correspondentes.

Expressa cada ideia como uma **situação inicial (problema)** que se apresenta a uma personagem. Imagina:

- **Situações inesperadas ou absurdas.** Por exemplo, um pato está convencido de que é um elefante.
- **Acontecimentos fantásticos.** Por exemplo, um menino que sai de uma lata de conservas.
- **Aventuras emocionantes.** Por exemplo, uma menina cujo maior desejo é voar.



IDEIAS

- _____ → _____
- _____ → _____

TÍTULOS

- _____
- _____

O teu conto: a ideia inicial

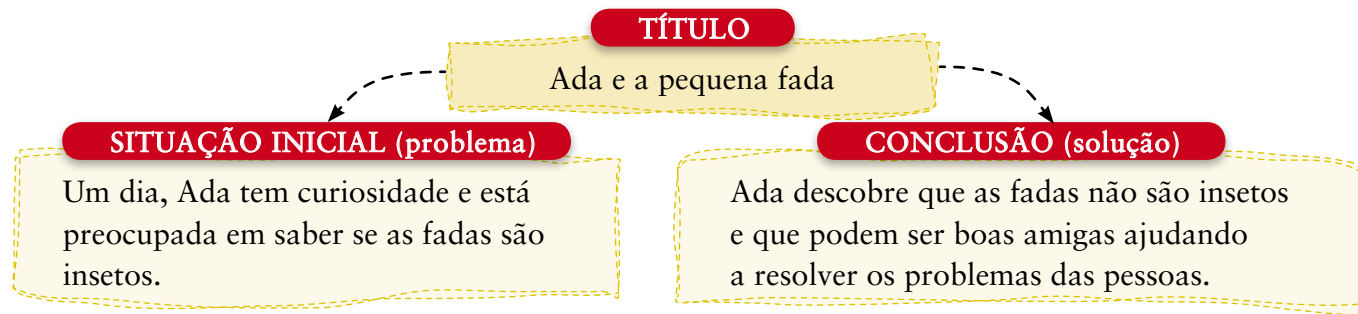
Completa o quadro que se segue com os dados do teu conto. Podes escolher uma das ideias que escreveste antes ou inventar uma nova.

Título: _____
Autor: _____
Leitores: _____
Ideia da história: _____

2. Fazer o mapa do conto

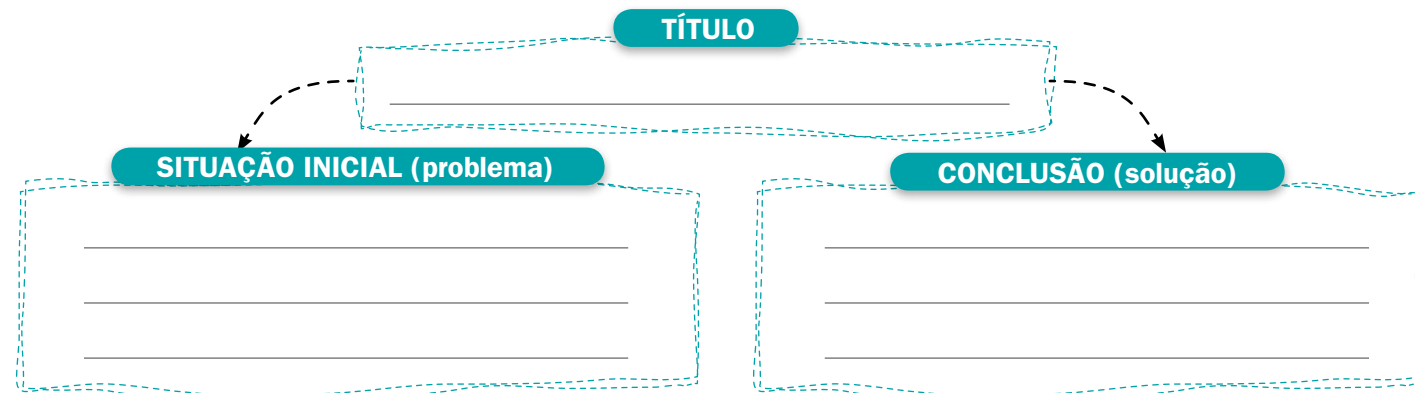
Nos contos, é habitual acontecerem muitas coisas. Apesar disso, quando lês uma história, não te perdes: há um caminho, um enredo, que te conduz, através das diferentes aventuras, até ao desenlace, a conclusão. Como escritor de histórias, deves procurar que os teus leitores não se percam. Para o conseguires, desde o início deves ter sempre claro o mapa/esquema do teu conto.

No conto «Ada e a pequena fada», o autor, José Eduardo Agualusa, depois de apresentar a situação inicial, o problema, conta as aventuras que as personagens vivem para resolver esse problema. Portanto, essas aventuras correspondem a um mapa como o que se segue:



Atividades prévias

2.1 Completa o mapa que se segue com uma história que conheças.



2.2 Inventa uma conclusão (solução) para cada um destes problemas.

Para procurares a solução, responde:

- Como poderia terminar tudo?
- Quem poderia intervir?



SITUAÇÕES INICIAIS (problemas)

- O filho de um rei estava sempre triste: não sabia rir.
- Um ouriço estava muito preocupado porque tinha perdido os picos.

CONCLUSÕES (soluções)

[Linha para escrever a conclusão para o primeiro problema]

[Linha para escrever a conclusão para o segundo problema]

2.3 Inventa duas situações (problemas) que possam dar origem a duas histórias, com as respetivas conclusões (soluções).

SITUAÇÕES INICIAIS (problemas)

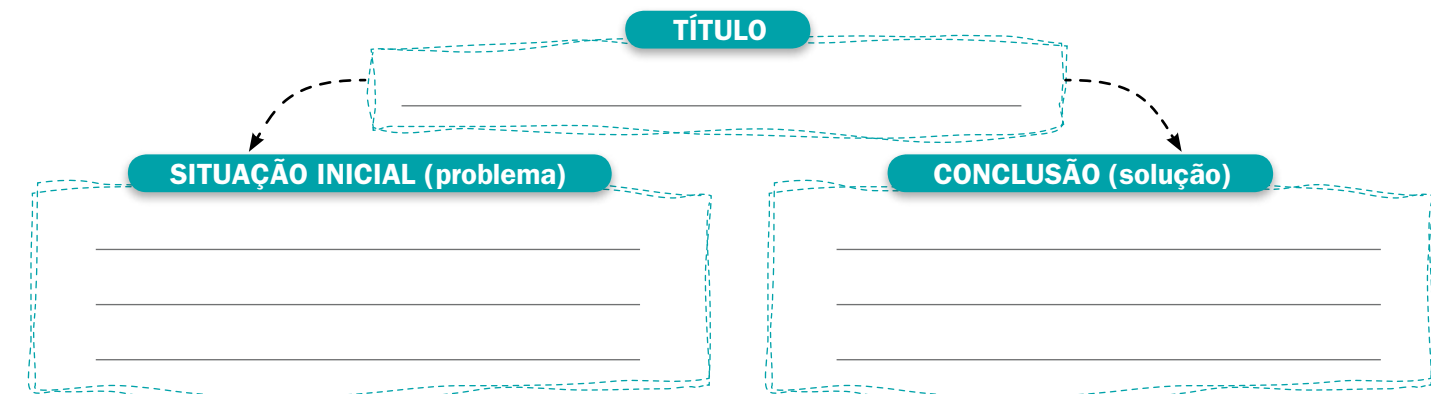
- [Linha para escrever situação inicial]
- [Linha para escrever situação inicial]

CONCLUSÕES (soluções)

[Linha para escrever conclusão]

[Linha para escrever conclusão]

2.4 Completa o mapa que se segue com uma das ideias que escreveste na atividade anterior.



O teu conto: o mapa

Completa o mapa do teu conto a partir do quadro que preenchestes na página 9.



- Faz aqui o rascunho da capa.



- Faz aqui o rascunho da contracapa.

